

## ÍNDICE

Prefácio	11
Introdução	13

### LIVRO PRIMEIRO — FILOSOFIA ANTIGA

#### PARTE I: OS PRÉ-SOCRÁTICOS

1 Ascensão da Civilização Grega	27
2 Escola de Mileto	44
3 Pitágoras	48
4 Heraclito	55
5 Parmênides	63
6 Empédocles	67
7 Atenas quanto à Cultura	71
8 Anaxágoras	74
9 Os Atomistas	76
10 Protágoras	84

#### PARTE II: SÓCRATES, PLATÃO E ARISTÓTELES

11 Sócrates	93
12 A Influência de Esparta	102
13 Fontes das Opiniões de Platão	110
14 A Utopia de Platão	113
15 Teoria das Ideias	122
16 Teoria Platônica da Imortalidade	132
17 Cosmogonia de Platão	141
18 Conhecimento e Percepção em Platão	146

19	Metafísica de Aristóteles	154
20	Ética de Aristóteles	164
21	Política de Aristóteles	173
22	Lógica de Aristóteles	181
23	Física de Aristóteles	187
24	Matemática e Astronomia Gregas Primitivas	191

### PARTE III: FILOSOFIA ANTIGA PÓS-ARISTOTÉLICA

25	O Mundo Helenístico	201
26	Cínicos e Céticos	209
27	Epicuristas	217
28	Estoicismo	226
29	O Império Romano em Relação com a Cultura	240
30	Plotino	250

### LIVRO SEGUNDO — FILOSOFIA CATÓLICA

	Introdução	263
--	------------	-----

#### PARTE I: OS PADRES

1	Evolução Religiosa dos Judeus	271
2	Cristianismo nos Primeiros Quatro Séculos	283
3	Três Doutores da Igreja	291
4	Filosofia e Teologia de Santo Agostinho	304
5	Os Séculos V e VI	315
6	S. Bento e Gregório Magno	322

#### PARTE II: OS ESCOLÁSTICOS

7	O Papado na Idade Obscura	333
8	João Escoto	343
9	Reforma Eclesiástica no Século XI	348
10	Cultura e Filosofia Maometanas	357
11	O Século XII	364
12	O Século XIII	374
13	S. Tomás de Aquino	381
14	Escolásticos Franciscanos	390
15	Eclipse do Papado	400

## LIVRO TERCEIRO — FILOSOFIA MODERNA

### PARTE I: DO RENASCIMENTO A HUME

1 Características Gerais	413
2 O Renascimento Italiano	416
3 Maquiavel	423
4 Erasmo e Moore	429
5 Reforma e Contra-Reforma	437
6 O Surto da Ciência	440
7 Francis Bacon	452
8 O <i>Leviatã</i> de Hobbes	456
9 Descartes	465
10 Spinoza	474
11 Leibniz	483
12 Liberalismo Filosófico	495
13 Teoria do Conhecimento, de Locke	500
14 Filosofia Política de Locke	510
15 Influência de Locke	527
16 Berkeley	532
17 Hume	541

### PARTE II: DE ROUSSEAU ATÉ HOJE

18 O Movimento Romântico	555
19 Rousseau	563
20 Kant	576
21 Correntes Filosóficas do Século XIX	589
22 Hegel	597
23 Byron	610
24 Schopenhauer	616
25 Nietzsche	622
26 Os Utilitaristas	633
27 Karl Marx	640
28 Bergson	647
29 William James	656
30 John Dewey	662
31 A Filosofia da Análise Lógica	669



## PREFÁCIO

Algumas palavras de explicação e pedido de desculpa poderão evitar a este livro maior censura do que a que sem dúvida merece.

O pedido de desculpa é devido aos especialistas das várias escolas e dos filósofos individualmente considerados. Excetuando talvez Leibniz, cada filósofo de que trato é mais conhecido de outros do que de mim. Mas, se livros de natureza geral fazem sentido, é inevitável, pois não somos imortais, que os autores gastem menos tempo em cada parte do que um homem concentrado num só autor ou um período breve. Concluirão alguns, com erudita e severa austeridade, que tais livros não devem escrever-se, ou então devem ser constituídos por monografias de vários autores. No entanto, alguma coisa se perde nessa colaboração. Se há qualquer unidade no movimento da história, se há alguma relação íntima entre o antes e o depois, é necessário que um só espírito sintetize os períodos anterior e ulterior. O estudioso de Rousseau pode ter dificuldade em apreciar a sua conexão com a Esparta de Platão e Plutarco; o historiador de Esparta pode não estar profeticamente cômico de Hobbes, Fichte e Lenine. Mostrar relações desse género é o fim deste livro, fim que só por uma larga visão de conjunto pode atingir-se.

Há muitas histórias da filosofia, mas nenhuma do meu conhecimento com o objetivo desta. Os filósofos são efeito e causa; efeito das circunstâncias sociais e da política e instituições do seu tempo; causa (se tiverem essa fortuna) de crenças modeladoras da política e instituições de épocas ulteriores. Na maior parte das histórias da filosofia, cada filósofo aparece no vácuo. As suas opiniões são irrelacionadas, exceto, na melhor hipótese, para os filósofos primitivos. Eu tentei, ao contrário, mostrar cada filósofo, tanto quanto a verdade permite, como resultado do seu *milieu*, como homem em que se cristalizam e concentram vagos e difusos pensamentos e sentimentos da comunidade a que pertence.

Isto exigiu alguns capítulos de pura história social. Ninguém compreende estoicos e epicuristas sem algum conhecimento da idade helenística, ou

os escolásticos sem o do desenvolvimento da Igreja do século V ao XIII. Por isso tratei brevemente os esboços puramente históricos de maior influência, no meu parecer, sobre o pensamento filosófico, e mais demoradamente aqueles onde a história é provavelmente menos familiar a alguns leitores — por exemplo, a Alta Idade Média. Mas nesses capítulos históricos excluí quanto me pareceu de pequena ou nula influência na filosofia contemporânea ou subsequente.

Em livros como este o problema da seleção é difícil. Sem pormenor, o livro é vazio e sem interesse; com pormenor, pode tornar-se de extensão intolerável. Optei por um compromisso, tratando só de filósofos que julguei de importância capital e mencionando, em relação com eles, pormenores que, se não têm importância fundamental, têm valor como exemplo e vivificação.

A filosofia desde os primeiros tempos foi não apenas mera questão de escolas ou disputa entre um punhado de homens cultos, mas parte integrante da vida da comunidade, e como tal procurei considerá-la. Se há mérito neste livro, deriva desse ponto de vista.

O livro deve a existência ao Dr. Albert C. Barnes, por ter sido originariamente planejado e em parte apresentado em conferências na Barnes Foundation, de Pensilvânia.

Como na maior parte da minha obra desde 1932, auxiliou-me na investigação e em muitas outras formas minha mulher, Patricia Russell.

## INTRODUÇÃO

As concepções da vida e do mundo a que chamamos «filosóficas» são produto de dois fatores: um, herança de concepções religiosas e éticas; outro, aquela investigação que pode chamar-se «científica», usando o termo no sentido mais lato. Individualmente os filósofos largamente divergiram na proporção destes dois fatores nos seus sistemas, mas a presença de ambos em qualquer grau é o que caracteriza a filosofia.

«Filosofia» é termo com vários sentidos, mais latos ou mais estritos. Usá-lo-ei no sentido lato que vou explicar.

Filosofia como entenderei a palavra é algo intermédio entre teologia e ciência. Como a teologia, consiste em especulações sobre matérias inacessíveis até agora ao conhecimento definido, mas, como a ciência, apela para a razão de preferência à autoridade, quer da tradição, quer da revelação. Todo o conhecimento *definido* — assim o sustento — pertence à ciência; todo o *dogma*, como o que excede o conhecimento definido, pertence à teologia. Mas entre teologia e ciência há uma terra de ninguém, exposta ao ataque de ambos os lados; é a filosofia. As questões de maior interesse para espíritos especulativos raro têm resposta científica, e as respostas confiantes de teólogos já não parecem tão convincentes como nos séculos anteriores. Estará o mundo dividido em espírito e matéria, e sendo assim, que é espírito e que é matéria? Está a alma sujeita à matéria, ou tem energias independentes? Tem o Universo unidade ou fim? Evolve para algum objetivo? Há realmente leis da natureza, ou cremos nelas devido ao nosso inato amor da ordem? É o homem o que parece ao astrónomo, um pequeno conjunto de carvão impuro e água, a arrastar-se impotente sobre um pequeno planeta sem importância? Ou é o que pensava Hamlet? Será as duas coisas? Há um tipo nobre e um tipo baixo de vida, ou são todos meramente fúteis? Se um deles é nobre, em que consiste e como realizá-lo? Deve o bem ser eterno para poder ser apreciado, ou merece procurar-se ainda quando o Universo caminhe inexoravelmente para a morte? Existe de facto a sabedoria ou não passa de requinte derradeiro de loucura? Não há resposta em

laboratório para tais questões. Pretenderam teologias dar respostas, todas demasiado definidas, o que as torna suspeitas a espíritos modernos. Estudar essas questões, se não responder-lhes, é a tarefa da filosofia.

Mas então, dir-se-á, porque perder tempo com problemas insolúveis? Pode responder-se como historiador ou como homem em face do terror da solidão cósmica.

A resposta do historiador, tanto quanto posso dá-la, ver-se-á nesta obra. Desde que os homens foram capazes de especular livremente, as suas ações em inúmeros aspetos importantes dependeram das suas teorias sobre o mundo e a vida humana, assim como sobre o bem e o mal. Assim é hoje como foi antes. Para compreender uma idade ou uma nação temos de compreender-lhe a filosofia, e para isso temos de ser em qualquer grau filósofos. Há aqui uma causalidade recíproca. As circunstâncias da vida do homem concorrem muito para determinar a sua filosofia e, reciprocamente, a sua filosofia determina em muito as suas circunstâncias. Esta interação multissecular é o tópico das páginas seguintes.

Há no entanto uma resposta mais pessoal. A ciência diz-nos o que sabemos, e é pouco; e se esquecermos quanto ignoramos ficaremos insensíveis a muitos factos da maior importância. Por outro lado, a teologia induz a crer dogmaticamente que temos conhecimento onde realmente só temos ignorância, e assim produz uma espécie de impertinente arrogância em relação ao Universo. A incerteza perante esperanças vivas e receios é dolorosa mas tem de suportar-se se quisermos viver sem o conforto de contos de fadas. Nem é bom esquecer as questões postas pela filosofia, nem persuadirmo-nos de que lhes achámos resposta indubitável. Ensinar a viver sem certeza e sem ser paralisado pela hesitação é talvez o mais importante dom da filosofia do nosso tempo a quem a estuda.

A filosofia, como distinta da teologia, começou na Grécia, no século VI a. C. Depois foi de novo submergida pela teologia com a vinda do cristianismo e a queda de Roma. O segundo grande período, do século XI ao XIV, foi dominado pela Igreja Católica, exceto alguns grandes rebeldes, como o imperador Frederico II (1195-1250). Este período terminou com as confusões que culminaram na Reforma. O terceiro período, do século XVII até hoje, é dominado, mais do que qualquer dos anteriores, pela ciência; as crenças religiosas tradicionais continuam a ser importantes mas necessitadas de justificação e modificadas sempre que a ciência o tornava imperativo. Poucos filósofos deste período são ortodoxos do ponto de vista católico e o Estado secular tem maior importância do que a Igreja nas suas especulações.

Coesão social e liberdade individual, como religião e ciência, estão em conflito ou em compromisso difícil durante todo o período. Na Grécia a coesão social assentava na lealdade à cidade-estado; Aristóteles mesmo, embora no seu tempo Alexandre já fosse obsoletizando a cidade-estado, só